

A SOBREVIVÊNCIA ACADÊMICA DO ESTUDANTE POPULAR: A SOCIALIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PERMANÊNCIA NA UFRN

Autor: Edilene Dayse Araújo da Silva

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), edilenedayse@gmail.com)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo explicar acerca de uma pesquisa de mestrado que teve como principal objetivo compreender a condição de permanência do estudante de origem popular na Universidade a partir do seu processo de socialização. A UFRN- Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi o lócus da pesquisa, com a participação dos graduandos populares de cursos das áreas de Humanas (Ciências Sociais e Direito), Biomédica (Ciências Biológicas e Odontologia) e Tecnológica (Matemática e Engenharia Civil). Na primeira etapa da investigação, incluindo uma abordagem etnográfica com registros descritivos do campo das observações, aplicou-se um questionário em turmas a partir do terceiro período (semestre) do curso. No segundo momento, realizou-se entrevistas semiestruturadas com seis representantes, um estudante de cada graduação delimitada. A partir da fala dos sujeitos, definiram-se quatro categorias analíticas: a) Trajetórias formativas: escolares e familiares; b) Caminhos acadêmicos: tensionados e factíveis; c) Socialização universitária: formal e cordial; e, d) Prospectiva profissional: continuada e (des)continuada. Assim, considerando-se as várias dificuldades para a permanência, independentemente da origem social, todos os estudantes têm que (re)inventar-se para se manterem em seus cursos. Nesse cenário de barreiras econômicas e obstáculos educacionais, os laços de amizade, parcerias em grupos, sociabilidade nas praças, bares, cantinas e a ajuda dos pares, são vistos como sendo essenciais para a sobrevivência estudantil, fenômeno que devido a essas relações sociais e afetivas denominou-se de socialização acadêmica cordial.

Palavras-chave: Estudantes universitários de classes populares. Acesso e permanência no ensino superior. Vida estudantil. Cotidiano universitário. Socialização acadêmica

INTRODUÇÃO

Como motivador da pesquisa de mestrado, fonte do presente artigo, percebeu-se variadas discussões sobre o fenômeno da expansão universitária no Brasil que acompanha o percurso internacional em busca da “democratização” do ensino superior. É inegável o impacto social do processo de ampliação do ensino superior e no número de estudantes populares nas graduações do país. Milhões de brasileiros presenciam seus filhos, sobrinhos, netos e entes queridos cursando uma graduação pela primeira vez, pioneiros em toda a família. Nesse contexto atípico, os desbravadores acadêmicos são os jovens que vivenciam o desafio de sobreviver em um meio ambiente totalmente estranho de sua origem popular: a universidade.

Como apontam os estudos de Almeida (2007), Ferreira (2014; 2016) e Paivandi (2014; 2015) é crucial compreender não apenas o ingresso e evasão, mas como se dão as vivências acadêmicas desses estudantes oriundos das classes populares. Ciente que as instituições públicas de ensino superior, inclusive a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), ainda são para poucos; no cenário de favorecimento da privatização no ensino superior, iniciado

na ditadura militar e perdurado até os dias atuais; tratando-se das relações cotidianas da universidade, como sobrevive um estudante pobre? Socializar-se está, sem dúvida, entre as principais formas de perseverar no curso superior.

A fim de responder essa indagação inicial, tendo como base epistemológica a etnometodologia, realizou-se a investigação com o principal objetivo de compreender da condição do estudante de origem popular em sua permanência na universidade, focando principalmente no processo de socialização estudantil. Desse modo, elencamos como específicos: 1) Analisar as configurações acadêmicas contemporâneas e seus impactos no Brasil e no Rio Grande do Norte. 2) Examinar as teorias acerca da socialização e da permanência dos estudantes populares e estabelecer diálogos com o lócus de pesquisa, as narrações dos sujeitos e com o olhar da pesquisadora e 3) Compreender, a partir da abordagem etnográfica e dos relatos dos sujeitos, as vivências e significações na sobrevivência acadêmica dos estudantes populares.

A partir das falas dos sujeitos e da articulação com as teorias, elencaram-se quatro categorias analíticas, a saber: (1) Trajetórias Formativas: Escolares e Familiares; (2) Caminho Acadêmico: Tensionado e Factível; (3) Socialização Universitária: Formal e Cordial e (4) Prospectiva de vida: Continuada e (Des)Continuada.

Na montagem das conclusões, utilizou-se a metáfora de uma rede de práticas e significados, perpassando os três fios hermenêuticos: o olhar do pesquisador, a luz dos autores e da voz dos sujeitos; a identificação de trajetórias acadêmicas dos estudantes e das cargas simbólicas decorrentes desse trajeto; e, as práticas sociais cotidianas no meio ambiente acadêmico dos discentes de origem.

METODOLOGIA, RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pergunta de partida do presente estudo foi: “Como um estudante de origem popular sobrevive na universidade?”. A fim de responder essa indagação e a necessidade de delimitar o campo investigativo, identificou-se a divisão de três grandes áreas acadêmicas: Humanas, Tecnológicas e Biomédicas e como primeiro passo da investigação, adotou-se essa mesma categorização em nosso trabalho.

O **segundo passo** foi a escolha dos cursos. Decidiu-se que o lócus seria composto por duas graduações de cada grande área, sendo uma considerada “popular” e outra de “elite”,

respectivamente. Na escolha, observou-se a tradição acadêmica, a concorrência para o ingresso e, principalmente, o prestígio e imaginário social.

Dentre os 118 cursos ofertados pela UFRN, divididos entre as três grandes áreas, realizou-se a escolha dos seis cursos, considerando os critérios acima citados e conforme nossas próprias vivências na universidade. Assim, os atores pesquisados foram os estudantes das graduações de Ciências Sociais e Direito (Humanas), Ciências Biológicas e Odontologia (Biomédica) e Matemática e Engenharia Civil (Tecnológicas). É importante destacar que os três cursos populares são licenciaturas, tendo em vista que, como aponta Ferreira (2016, p. 166), os estudantes de famílias de baixa renda são encaminhados para diplomas de menor valor e retorno financeiro, em um processo denominado de *especialização social*.

Feita essa importante escolha, como **terceiro passo**, pesquisou-se no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) a listagem dos cursos delimitados, as turmas ministradas no semestre de 2015.2 e foram enviados *e-mails* aos docentes solicitando a realização da atividade antes das aulas.

Continuamos a caminhada com o **quarto passo**, realizando as etnografias e a aplicação de questionários em turmas a partir do 3º período. Delimitam-se essas fases mais adiantadas da formação (ZAGO, 2006), justamente devido ao foco na permanência e que, de acordo com Coulon (2008) é no primeiro ano que ocorre o maior número de desistências.

Com o aval dos docentes, no mês de novembro de 2015, estivemos em diversas salas de aula onde são ministradas as disciplinas dos cursos pesquisados: setor I (Direito), II (Ciências Sociais), III e IV (Engenharia Civil e Matemática), Centro de Biomédicas (Biologia) e o Departamento de Odontologia da UFRN.

Foi um total de 128 questionários (Quadro 01) aplicados e, dentre as graduações pesquisadas, a que mais contou com estudantes com a renda familiar de até dois salários mínimos foi Matemática (46%). O curso com o menor índice de discentes nesse perfil salarial foi Engenharia Civil (3%). No que diz respeito à faixa etária, a graduação que apresentou o maior número de estudantes com a idade teoricamente adequada para cursar esse nível de ensino (FERREIRA, 2016), de 18 a 24 anos, foi Odontologia (93,3%). O curso que mostrou um público mais velho foi Ciências Sociais com 47,3% dos estudantes com 18 a 24 anos.

Sobre a participação da mulher na amostragem, destaca-se que o curso de Odontologia contou com 76,6%, enquanto Ciências Sociais retratou apenas um percentual de 21% de contingente feminino. Os demais cursos mostraram certo balanceamento entre os gêneros, inclusive no curso de Engenharia Civil com grande tradição masculina.

QUADRO 1 - QUANTITATIVO DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS NAS GRADUAÇÕES DA UFRN, 2015.

CURSO	Nº Quest. respondidos	Estudantes com renda familiar de até dois salários mínimos (%)	Faixa etária 18 – 24 anos (%)	Gênero (%)	
				Mulheres	Homens
Ciências Sociais	19	37%	47,3%	21,0%	79,0%
Direito	21	5%	90,0%	50,0%	50,0%
Matemática	13	46%	61,5%	46,0%	54,0%
Engenharia Civil	29	3%	89,7%	41,3%	58,7%
Ciências Biológicas	16	31%	87,5%	56,3%	43,7%
Odontologia	30	23%	93,3%	76,6%	23,4%
Total de questionários aplicados	128				

Fonte: Questionários da pesquisa, UFRN, 2015-2016.

No que diz respeito à origem escolar, o curso de Ciências Biológicas foi a graduação popular que mais apresentou estudantes oriundos do ensino privado (63%). Enquanto na licenciatura em Matemática, por sua vez, 84% tem sua origem escolar no ensino público. Na graduação em Ciências Sociais percebemos que 52% dos graduandos vieram de escolas públicas, ou seja, dos cursos delimitados na pesquisa, foi o que relevou as origens escolares mais balanceadas.

Dentre todas as graduações, Odontologia mostrou apenas 20% de estudantes vindos de escolas públicas. No aspecto da vida escolar, ficou evidente que grande parte dos discentes da rede pública encontrou, nos cursos de baixo prestígio social, as possibilidades reais de cursarem o ensino superior.

Para fins comparativos de uma realidade mais ampla, consultou-se o Observatório da Vida do Estudante (OVEU), que é um centro de informações estatísticas sobre os discentes que ingressam na UFRN, com dados de 2000 a 2013. Acerca das origens escolares percebe-se que em Odontologia e Direito, por exemplo, a situação variou pouco ao longo dos anos, permanecendo com um público majoritariamente oriundo de escolas particulares, assim como se evidenciou em nossa pesquisa. Em Direito, o número de estudantes exclusivos da escola pública passou de 15% em 2000 para 25% em 2013, apresentando 75% de estudantes da iniciativa privada. Em Odontologia, o número de estudantes de escola pública aumentou de 2%

em 2000 para 22% em 2013. Embora seja digno de notável avanço, para ser denominado de “democrático”, as políticas afirmativas nessa graduação ainda precisam evoluir muito.

Além dos dados quantitativos, um dos principais objetivos dos questionários foi encontrar estudantes da UFRN que atendessem os seguintes indicadores de condição social desfavorecida (PEREIRA; PASSOS, 2007):

- (1) Ter concluído o ensino básico em escola pública, de preferência integralmente;
- (2) Ter renda familiar de até dois salários mínimos (Classe E/IBGE);
- (3) Pais com profissões de pouco prestígio social e baixa escolaridade.

Com o exame dos questionários, identificou-se os possíveis entrevistados de acordo com os indicadores e agendamos as entrevistas semiestruturadas com os sujeitos. Em nosso **quinto passo**, iniciou-se os diálogos com seis representantes da classe popular, um de cada curso delimitado. Antes de começarmos as conversas, pedimos para que os entrevistados escolhessem o seu pseudônimo de acordo com sua área de conhecimento.

As nomenclaturas adotadas pelos entrevistados foram inspiradas nas suas graduações e, em alguns casos, homenagens a autores, como no caso da estudante de Ciências Sociais que decidiu ser chamada de Ruth em homenagem a grande antropóloga americana Ruth Benedict (1887-1948). Os outros nomes foram inspirados em áreas de conhecimento, elementos de estudos ou até mesmo, conceitos como é o caso da estudante de Matemática que será chamada de Hipotenusa.

A fim de apresentar os sujeitos e seus respectivos cursos, ano de ingresso, período e demais informações gerais, a seguir encontra-se um breve resumo sobre a trajetória dos interlocutores.

- Ruth - (Ciências Sociais): A escolha do nome foi uma homenagem à antropóloga Ruth Benedict. “23 anos, cursando o 8º período de sua graduação, nasceu no interior do estado, filha de um lavrador e uma dona de casa. Estudou todo o ensino fundamental e médio em escolas públicas na sua cidade de origem. Veio para a capital a fim de cursar sua primeira graduação e fora aprovada em seu segundo vestibular. Sonhava com Psicologia, mas não passou no exame. Após ingresso nas Ciências Sociais, para se manter, durante dois anos conciliou o trabalho no Call Center das lojas Riachuelo com o curso noturno. Há um ano, saiu do emprego para se formar e, no momento da entrevista, era bolsista de apoio técnico na UFRN”.

- Jurista – (Direito): O pseudônimo é inspirado no título daquele que atua no Direito. “19 anos, estudante do 4º período, é natural de Natal/RN, mas passou a maior parte da sua vida

em Tibau do Sul/RN. Atualmente mora na Residência Universitária no Campus da UFRN. Foi criado por mãe pensionista e um padrasto pescador e teve pouco contato com o seu pai biológico. Jurista estudou o ensino fundamental em uma pequena escola particular do interior, mas, por problemas financeiros, cursou o ensino médio em uma instituição pública. Aprovado primeiramente em Comunicação Social (Radialismo), desistiu do curso para ingressar em Direito. Nos primeiros semestres do novo curso, cantava nos bares de Pipa/RN para ajudar no seu sustento. Na época da entrevista, Junho de 2016, comemorava a conquista da sua primeira bolsa de apoio técnico na UFRN.

- Rosa - (Biologia): Em virtude da Botânica, área preferida da entrevistada, ela escolheu essa nomenclatura. “21 anos, estudante do 6º período, é natalense, filha de um desempregado e uma mãe dona de casa. Estudou o ensino fundamental e médio em escola pública. Na época da entrevista mantinha seus estudos e ajudava a família com uma bolsa de quatrocentos reais que ganhava no setor de Botânica da UFRN”.

- Barbotina - (Engenharia Civil): O termo escolhido significa “argila finamente misturada para fazer cerâmica”. A entrevistada justificou que como é uma engenheira civil em formação, esse seria um ótimo pseudônimo. “19 anos, graduanda do 4º período, nascida na capital natalense, morava com sua família no bairro do Planalto. Filha de um montador de móveis e uma dona de casa estudou o ensino fundamental em escola pública. Além de ter sido destaque em diversos concursos, foi campeã brasileira nas Olimpíadas de Matemática. Logo em seguida ingressou no IFRN, onde cursou o ensino médio. Na graduação, sem bolsa, tendo disciplinas nos dois turnos, não sabia como conseguir manter-se no curso”.

- Dentina - (Odontologia): A Dentina é um tecido conjuntivo avascular, mineralizado, especializado que forma o corpo do dente, suportando e compensando a fragilidade do esmalte. A estudante escolheu esse nome referindo-se ao seu curso e a sua trajetória de resistência. “20 anos, cursando o 5º período em Odontologia, também nasceu em Natal/RN, filha de um pedreiro e uma dona de casa. Estudou o ensino fundamental e médio em escolas públicas. No Pré-vestibular, fez um cursinho gratuito na UFRN e ingressou em seu primeiro ENEM no curso de Odontologia. Na época da entrevista, não tinha bolsa e precisava de aproximadamente três mil reais para comprar os equipamentos para cursar as disciplinas práticas. Aguardava o resultado do edital de bolsas do Programa de Assistência ao Estudante (PROAE/UFRN), mas em virtude da ausência dos materiais estava perdendo trabalhos e pontuações. Alegou que os docentes não entendiam a sua condição desfavorecida”

Ancorando-se em uma perspectiva socioantropológica, se buscou o diálogo com os sujeitos/autores/atores, sempre cientes da importância de suas narrativas e vivências. Como parte da metodologia, utilizou-se a etnografia na pesquisa. Foi no *lócus*, a universidade, transitando em meio aos estudantes com um diário de campo em uma mão e uma câmera fotográfica em outra, que o nosso trabalho ganhou os primeiros contornos. Inserir-se no campo requer persistência e principalmente, desprendimento. No meu caso, foi preciso estar disposta a conhecer de uma maneira nova um *lócus* familiar que, sem dúvida, me surpreenderia.

Ao todo percorri, juntamente com minhas colegas de pesquisa, nove meio ambientes, sendo eles: o Setor II, III, IV, V, Centro de Biociências, Residência Universitária e Departamento de Odontologia da UFRN. O último foi o único que não se localiza dentro do Campus Universitário. Cada uma das localidades possui sua própria dinamicidade e cultura acadêmica, bem como seus códigos e público. Como em toda instituição universitária não se pode falar em homogeneidade e sim, em pluralismo.

Em conjunto com a aplicação dos questionários, pesquisas bibliográficas e etnografias, utilizamos a técnica de entrevista que, de acordo com Júnior e Júnior (2011, p. 241), “[...] pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico se combinada com outros métodos de coleta de dados, intuições e percepções provindas dela”.

Na pesquisa entrevistou-se seis sobreviventes universitários oriundos da classe popular, sendo eles: Ruth (Ciências Sociais), Jurista (Direito), Rosa (Ciências Biológicas), Dentina (Odontologia), Hipotenusa (Matemática) e Barbotina (Engenharia Civil). Em uma breve categorização dos entrevistados, a maioria são mulheres, cinco no total. Três delas são moradoras do mesmo bairro periférico e duas, em outras regiões da capital (Quadro 02, p. 51). Jurista, único representante masculino, vive atualmente na Residência Universitária no Campus Central da UFRN. A faixa etária dos entrevistados varia dos 19 aos 23 anos. Todos eram solteiros, sem filhos e para custear seus estudos, tinham bolsas ou estágios.

Por meio da Entrevista Compreensiva e de uma “escuta sensível” (SILVA, 2006, p. 07) dos áudios e leitura atenta das transcrições, destacou-se fragmentos significativos das falas dos sujeitos que, de acordo com a Análise de Conteúdo, podem ser consideradas também como unidades de análise. “Uma vez identificadas e codificadas todas as unidades de análise, o analista de conteúdo estará pronto para envolver-se com a categorização”. (MORAES, 1999, p. 10). Assim, definimos as quatro Categorias de Análise da pesquisa:

1. JORNADAS FORMATIVAS: ESCOLARES E FAMILIARES

O estímulo à leitura e o empenho dos pais, mesmo com a escassez de recursos financeiros, sem dúvida tiveram uma forte ligação com a dedicação escolar de Rosa. Percebendo narrativas semelhantes na fala dos seis sujeitos, escolheu-se essa categoria dual para iniciar a análise das trajetórias dos entrevistados por acreditar na importância do resgate escolar e familiar nas vivências dos universitários populares. Entretanto, acerca da nomenclatura, é preciso destacar que a formação de um sujeito permeia toda a sua vida, em um processo constante de construção e (re)arranjos socializadores.

Os hábitos, costumes, linguagens, valores, regras e os mais variados aspectos sociais são apre(e)ndidos em um processo de socialização que perdura toda a vida de um indivíduo. Então, sociologicamente, é correto afirmar que a humanização se dá ao longo das trajetórias dos sujeitos em constantes reformulações, continuidades e rupturas. Nas visões clássicas, a família e a escola são as principais instâncias de formação humana. Assim, na denominação dessa categoria analítica, o enfoque principal foi na socialização primária dos indivíduos (BERGER; LUCKMANN, 1976) que se estabelece na infância, entre a realidade familiar e escolar.

2. CAMINHO ACADÊMICO: TENSIONADO E FACTÍVEL

O sonho de Hipotenusa era cursar Ciências Contábeis, mas lamentavelmente, apesar de toda uma vida escolar exemplar, não obteve nota suficiente para o ingresso. Em uma visão ingênua, como já discutido nesse trabalho, acredita-se que o aumento no acesso da classe popular nas graduações deu-se de modo igualitário em todos os cursos, até mesmo nos mais prestigiados.

Ao longo das discussões apresentadas até aqui, já constatou-se que a realidade “democrática” no ensino superior ainda não existe. Nesse fenômeno, o caminho acadêmico pretendido pelo estudante é tensionado por contextos escolares, familiares, simbólicos, econômicos e políticos, tensões essas decisivas na vida do pré-universitário, o que acaba culminando no abandono do curso que almejava e realizando uma escolha factível, isto é, que pode ser realizada.

3. SOCIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA: FORMAL E CORDIAL

A universidade carrega consigo suas próprias dinâmicas, pois falar da realidade acadêmica é discorrer sobre pluralidades. E nessa conjuntura, como se aprende a ser estudante? Como a socialização se insere nesse cenário? Ferreira (2009, p. 25) destacou que o termo “[...]”

socialização deriva do vocábulo *socialis*, que significa camaradagem e companheirismo, e que também se refere a palavra *socius*, parceiro”. Assim, segundo o autor, o sentido de pertença é profundamente ligado ao convívio e identificação com um grupo social. É o que também defende Paivandi (2014, p. 50), ao afirmar que “toda socialização constitui um fenômeno interacional e um processo de aquisição de saberes que se impõe ao desenvolvimento de trocas e nos laços sociais”.

Para Ferreira (2014, p. 117) até mesmo os alunos com ótimo desempenho escolar se sentem estranhos nessa nova realidade. “O que dizer, então, daqueles que chegam inseguros e com menos recursos de conhecimentos e de condições materiais, devido às suas deficiências escolares e de meios sociais populares?”.

Quando se elegeu a categoria de Socialização Formal, o foco foi a estrutura organizacional da universidade que visa o aprendizado das novas exigências, bem como os programas de permanência que buscam auxiliar o estudante ingressante nesse novo cenário. Por conseguinte, os conteúdos das disciplinas, núcleos de assistência ao estudante, eventos como palestras e congressos, participações em bases de pesquisa, bolsas em programas de monitoria, tutoria, extensão e iniciação à docência, são os protagonistas em um complexo circuito formal de socialização no ensino superior.

Aludir sobre os laços entre estudantes e professores suscita outro domínio da socialização que denominaremos de cordialidade acadêmica. Para compreendê-la, é necessário resgatar o conceito de homem cordial elaborado por Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil* escrita em 1936. Nela, o historiador explicita o que, sob sua ótica, é a maior marca cultural do povo brasileiro: a cordialidade. O termo “cordial” ao contrário do que se presume, não indica somente a simpatia e gentileza. A expressão vem do latim “cordis”, isto é, relativo a coração.

O homem cordial pode ser definido, em linhas gerais, como um sujeito adaptado no seio familiar a objetivar vivências de simpatia e afeto, rejeitando as interações impessoais, sendo, ao contrário personalista e guiado, muitas vezes, pela passionalidade, até agressiva, característica das relações familiares. A cordialidade nega a polidez e deseja a convivência em sociedade, viver nos outros, como extensão do círculo familiar, possuindo uma grande aversão à individualidade, confundindo a vida pública como espaço privado. Assim, a cordialidade é um tipo ideal que pressupõe comportamentos da esfera afetiva como estratégias na vida social do brasileiro.

Na academia, esse traço cultural também é manifestado. Embora os estudos sobre a realidade universitária debruçem o olhar especialmente nos aspectos formais da vida estudantil,

as esferas afetivas e, portanto, consideradas informais, são tão importantes quanto as demais. Ao versar sobre esse tema, Ferreira (2014) destacou a presença da didática profana na vivência dos estudantes. Segundo o autor, é por meio dessa prática difundida nos encontros com colegas são transmitidas as ações mais recorrentes de estudos como truques, formas de negociação com os professores e também motivação para que permaneçam em seus cursos. Nesse cenário, as afinidades são decisivas para que os estudantes se agrupem, buscando, na maioria das vezes, conviver com sujeitos com uma trajetória de vida semelhante que a sua

Na cordialidade acadêmica, o estudante prova, por meio das trocas com seus pares, a esfera socializadora de caráter afetivo e malandrice como uma das estratégias de permanência. Independentemente das lacunas e escassez de recursos financeiros, institucionais e simbólicos, o discente alcança, através da relação com o Outro, uma maneira positiva para sua aprendizagem e afetivamente calorosa de prolongar a sua vivência na universidade.

Esse par, o indivíduo com quem se interage, não se restringe ao colega que partilha da mesma vulnerabilidade econômica ou o amigo que advém da mesma classe social privilegiada. Na teia universitária, as relações se entrecruzam em um emaranhando de conexões que ultrapassam os papéis sociais esperados. Docentes, funcionários, estudantes, mesmo com vínculos mais superficiais acabam ligados, de uma maneira ou de outra. Todavia, os laços mais firmes e duradouros não surgem de causalidades, são frutos de escolhas por afinidades e objetivos em comum, sejam eles singulares ou múltiplos.

4. PROSPECTIVA DE VIDA: CONTINUADA E (DES)CONTINUADA

Quando se dissertou sobre o caminho pretendido, as expectativas dos estudantes foram destacadas frente as suas escolhas, por vezes tensionadas e restringidas a opções factíveis. Na carreira acadêmica, o estudante necessita, mais uma vez, responder à questão elementar presente em diferentes momentos da vida. “Uma passagem bem sucedida é sempre uma passagem que não apenas projeta o presente no futuro, mas que dá, no presente, lugar para o futuro” (COULON, 2008, p. 230).

De um modo diferente do que foi experienciado pelos sujeitos no momento anterior ao ingresso à universidade, agora carregados de maiores pressões ainda precisam encarar os desafios de uma construção do futuro a partir de um caminho percorrido no presente. Nas entrevistas, ficou claro que todos os interlocutores pretendiam continuar os seus estudos.

Apesar da dura realidade excludente dos desfavorecidos que lamentavelmente se quer adentram os portões universitários, em toda pesquisa buscou-se o afastamento da noção de heroísmo a respeito dos estudantes populares. Ao longo desses escritos, constatou-se que a

expansão no ensino superior mesmo expressiva, oculta uma realidade de desigualdade social, cultural e claro, acadêmica.

Defende-se que o Brasil vive um cenário de “democratização” universitária, contudo, ao debruçar-se sobre dos dados e trabalhos produzidos constatou-se que ainda estamos longe de promover o acesso universal ao ensino superior e propiciar a classe popular a real possibilidade de escolha de suas carreiras e condições efetivas de permanência.

Sobre os sujeitos do estudo, suas trajetórias de resiliência são incontestavelmente admiráveis. Todavia, não podemos reduzir a reflexão apenas na esfera meritocrática. Ao longo de suas vidas adotaram importantes estratégias para atingir os seus objetivos e executá-los com êxito, sem falar nas oportunidades que mesmo limitadas, foram aproveitadas.

CONCLUSÕES

Percebeu-se que, oriundo das classes abastardas ou das camadas populares, qualquer estudante que ingressa na academia precisa reaprender a estudar, se adaptando a uma nova realidade que muito se difere da escola. A universidade exige uma postura autônoma, novos aparatos cognitivos e instrumentais, maturidade emocional e como um catalizador desse processo encontram-se as estratégias de socialização. Isso significa dizer que o estudante popular não sobrevive apenas por meio de recursos de assistência ou por uma enorme força de vontade, mas, sobretudo, pelo uso da cordialidade acadêmica que o faz manter-se na academia.

Nos diversos estudos que sustentaram a dissertação pude observar a preocupação com a permanência dos estudantes populares, diversos fatores matérias foram destacados e em poucos trabalhos percebi a atenção nos aspectos socializadores dos discentes. A sobrevivência acadêmica não é fruto somente de laboriosos estudos e maciço investimento de capital, mas também de um sólido sentimento de filiação e pertença que faz desse estudante um membro da comunidade universitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, Salvador, jan./abr., v. 20, n.49, p. 35-47, 2007.

COULON, Alain. **A condição do estudante: a entrada na vida universitária**. Tradução Georgina Gonçalves dos Santos e Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, pp. 116-140, jan./abr. 2014.

FERREIRA, Adir Luiz. Como a relação entre capital cultural e formação no ensino superior aparece para os universitários. In: DOMINGOS SOBRINHO, Moisés; ENNAFAA, Ridha; CHALETA, Elisa. **La educación Superior, el estudiantado y la cultura universitaria**. Valência: Editorial Neopatria, pp. 161-190, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JÚNIOR, Nazir Feres. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, pp. 237-250, 2011.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999. pp. 7-32

PAIVANDI, Saeed. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 48, n. 34, p. 39-64, jan./abr. 2014.

PAIVANDI, Saeed. Que significa o desempenho acadêmico dos estudantes? In: **Observatório da vida estudantil: avaliação e qualidade no ensino superior**. Salvador: EDUFBA, 2015.

SILVA, Rosália de Fátima. Compreender a “Entrevista Compreensiva”. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 26, n. 12, p. 31-50, maio/ago. 2006.